

# OCCIDENTE

REVISTA ILLUSTRADA DE PORTUGAL E DO EXTRANGEIRO

XXVIII Volume

20 de Janeiro de 1905

N.º 938

## A Visita dos Duques de Connaught



DUQUEZA DE CONNAUGHT



DUQUE DE CONNAUGHT



PRINCEZA VICTORIA PATRICIA



PRINCESA MARGARIDA VICTORIA

Photographias de W. D. Downey, de Londres

## Chronica Occidental

Que dias deliciosos passaram em Lisboa os duques de Connaught e suas filhas! A cidade e os regios hospedeiros fizeram o que puderam; mas o céo, muito mais poderoso, fez com todo seu poder muitissimo mais. Vestiu-se todo de grande gala, com um manto azul agalado d'oiro, mais bello decerto que o manto real de Salomão, e á noite, quando mudava de vestuario, nunca houve shah da Persia, nem rei de Franca, nem rei de Portugal, possuidores dos mais bellos diamantes, que os ostentassem comparaveis a Jupiter, á Lua, a Venus, a Mercurio, que, uma d'estas tardes, vimos em fila a illuminarem o occidente.

Puderam os duques imaginar que era com elles a grande festa, porque, logo que amanheceu o dia em que partiram, as nuvens começaram toldando o céo, e, quando o *Essex* sahia a barra, deveriam os principes de ter ouvido os primeiros raios do vento sul.

Mais infeliz de que elles foi o Principe de Dinamarca, Carlos, que, a bordo do cruzador *Heindal*, chegou ao Tejo na tarde do dia 16. O principe é official de marinha e viaja como immediato do navio; por isso este não traz distinctivo algum que revele a categoria do viajante, genro de El-rei Eduardo VII, com cuja filha mais nova casou no palacio de Buckingham em julho de 1896.

O *Heindal* é commandado por um capitão de fragata e o principe tem o posto de primeiro tenente.

O parentesco com o rei de Inglaterra parece não bastar para lhe dar direito aos grandes esplendores do céo, ou teria este sabido que o principe viaja sob o mais rigoroso incognito. Chuva torrencial.

Os duques de Connaught viram o que de mais bello se lhes podia offerecer em Lisboa á sua admiração, tanto em opulencia de paizagem como em objectos de verdadeira arte.

Foram elles os primeiros que puderam admirar as preciosidades artisticas que D. João V accumulou na capella de S. João Baptista, em S. Roque, e que, graças a homens de muita boa vontade e zelosos das nossas coisas, hoje se acham reunidos n'uma das salas da Santa Casa da Misericórdia.

De hoje em diante, no ultimo domingo de cada mez, o museu estará aberto ao publico, que, elucidado pelas eruditas brochuras dos srs. Sousa Viterbo e Vicente de Almeida, poderá avaliar todo o merecimento artistico e riqueza dos objectos expostos: o frontal de prata e lapis lazuli, baixos relevos preciosos, os tocheiros de prata lavrada, vasos, relicarios, thuribulos, cruces, campainhas, e o lampadario de bronze. Os paramentos são dos mais bellos que podem ver-se, bordados a oiros, outros a seda, as rendas são das mais finas.

Não deve calar-se o elogio aos benemeritos que concorreram para que o publico não fosse privado de admirar o que tanto o póde instruir nas coisas de arte e no muito que ainda temos preciosissimo depois de tantos annos de criminoso descuido.

Consta-nos que o actual sr. patriarcha por mais d'uma vez tem mostrado desejos de instituir um museu em S. Vicente, de modo que facilmente pudessem ser admiradas não menores maravilhas pertencentes á Sé de Lisboa. Só um obstaculo tem encontrado: o não haver no orçamento do ministerio da Justiça uma pequenina verba para um conservador!

Que atrahente se tornaria Lisboa se tantas bellezas que contem não estivessem occultas por tão pequeninas razões! Dificuldades, tudo são dificuldades! Até o parque, um dos projectos de embelezamento que mais unanimemente foram por todos applaudidos e de tão desejada execução, parece que não se fará, pelo menos por enquanto. Não succeda o mesmo ao novo projecto que o transportou para as proximidades do Campo Grande. Do mal o menos.

Lisboa n'este inverno tem-se mostrado cidade civilisada em coisas de arte e até em seus theatros a temos visto a par das capitaes de primeira ordem. Porque não ha de ser em tudo assim? Porque ha de a má sorte perseguil-a em tão boas tentativas de ainda mais necessarios e quasi imprescindiveis melhoramentos.

Falámos de theatros e é justo que principiemos citando o mais frequentado pela alta sociedade de Lisboa, que nem sempre é — diga-se de passagem — nem a melhor servida nem a que melhor o merece. O *Tanhuhausen*, ali representado pela pri-

meira vez na noite de 16, constituiu um verdadeiro acontecimento artistico pela interpretação que lhe foi dada por todos os seus interpretes, especialmente por Vignas e Kaschmann.

No theatro D. Amelia a interpretação do *Avô* de Perez Galdos foi das mais perfeitas que havemos visto n'aquelle theatro onde se acham reunidos muitos dos melhores artistas dramaticos portuguezes. Devemos especialisar Augusto Rosa n'um papel extremamente difficil, todo feito d'uma só peça e em demasia rhetorico, Pinheiro n'um papel pequeno, mas deliciosamente comico e sentimental, e Adelina Abranches que desempenhou extraordinariamente o papel d'uma criança pequena, obrigando todo o publico a levantar-se n'um impulso fazendo-lhe no fim do quarto acto uma das maiores ovações que ella tem recebido em sua gloriosa carreira.

Accrescentemos a estas boas novas que ainda no theatro de D. Maria continua em scena o *Rei Lear*, tendo-se ha dias realisado com a decima quinta recita a festa de Julio Dantas, e confessemos que, pelo menos em coisas de theatro, não tem Lisboa razões de queixa, que é cidade de primeira ordem.

Assim o não fosse em casos de outra natureza de que ella é theatro muita vez. Um crime, d'esses com que o telegrapho costuma desde as capitaes estrangeiras suscitar nos jornaes a curiosidade dos leitores, teve por scenario uma casa de má reputação n'uma das ruas de Lisboa: um assassinio e uma tentativa de suicidio.

Os jornaes, pelo menos alguns, apesar da resolução em tempos tomada de guardarem silencio sobre certos assumptos, pormenorisaram demais o acontecimento, sem vantagem alguma para a moral, e acerbando as dôres de filhos e de esposas innocentes, que mais assim, além da desgraça, tiveram de chorar a propria vergonha.

N'um dos mais lidos jornaes de Lisboa, no dia seguinte ao da publicação da noticia, confessava um redactor ter-lhe sido muito desagradavel a maneira por que fôra o crime descripto e a esse proposito fazia considerações sensatas chamando morbida á curiosidade do publico n'estes assumptos.

Mais uma vez, muito seria de estimar um accordo que por caso algum fosse esquecido. E se alguém menos honesto a elle faltasse, nunca tal deveria ser motivo para ser seguido o máo exemplo, de que podem resultar consequencias muito funestas.

Quanto menos se fallar n'estes assumptos, melhor, e até nós n'esta chronica procuraremos esquecer este que tanto commoveu a população de Lisboa, para nos occuparmos de gente de bem cujo nome mereça a consideração de todos.

A bordo do *Fel-Marechal*, vapor allemão da carreira de Africa, cheio de amigos que d'elles foram despedir-se, partiram para Lourenço Marques, João de Azevedo Coutinho, governador geral da Provincia de Moçambique e o governador de Lourenço Marques, Ayres de Ornellas. Dias antes, realisara-se no Hotel de Bragança um banquete, offerecido aos dois valentes militares pelos socios do Club Tauromachico, festa muito cheia de entusiasmo.

E enquanto elles lá vão por esses mares fóra procurar os sitios onde se encheram de gloria para bem da patria, por aqui, com mais paixão e queira Deus que com resultados de igual valor, os politicos mexem-se, pretendentes a pares e deputados não descansam, lucta o governo, lucta a opposição em completo desacordo, e regeneradores e progressistas já não se entendem.

Diz-se que o sr. João Franco virá á camara e trará consigo mais quatro deputados; os nacionalistas terão dois representantes e ainda haverá alguns independentes. Os trabalhos eleitoraes a favor dos deputados regeneradores serão dirigidos pelo sr. Hintze Ribeiro, segundo o voto de confiança que lhe foi dado na reunião de ministros honorarios effectuada em sua casa.

Espera-se portanto que sejam cheias de interesse as futuras sessões da camara dos deputados.

De fóra, tambem nos chegam noticias importantes sobre politica, sendo a mais digna de nota o pedido de demissão do ministerio francez apresentado ao presidente da republica pelo presidente Combes.

Nem para se recolher na sua grande dôr, por morte da mãe querida, teve agora uns minutos o sr. Loubet. A politica é tyranna ás vezes, e pouco invejaveis são quasi sempre as posições altas que muitos invejam.

Peiores noticias chegam da Russia que, tão infeliz com suas luctas no extremo oriente, vê, durissima logica, cada vez mais exaltados os animos na propria Russia. Na estação do caminho de

ferro em Moseou, um rapaz disparou tres tiros de revolver contra o Grão duque Sergio, tio do imperador, que ha poucos dias fôra exonerado do cargo de governador d'aquella cidade. O Grão-duque não foi attingido pelas balas.

E a guerra lá continua, tão funesta quanta origem de gloria para os dois lados. O Imperador da Allemanha condecorou os dois commandantes rivaes Stoessel e Nogi, depois da rendição de Porto-Arthur.

Com a esquadra do Baltico tambem nós agora tivemos que ver, quando proximo da bahia dos Tigres, o primeiro tenente Silva Nogueira, commandante do *Limpopo*, se oppoz a que os couraçados russos ali tomassem carvão dos navios carvoeiros. O commandante da esquadra obedeceu promptamente á intimação.

E para terminar alegremente, que já aborrece falar de guerras, enviemos o nosso applauso á redacção do *Illustrado* pela linda festa de crianças que organisou no theatro D. Amelia.

João da Camara.

### A VISITA DOS DUQUES DE CONNAUGHT

Um novo testemunho de sympathia recebeu Portugal com a visita dos duques de Connaught.

Essa distincção deve-se á intimidade de relações entre a familia real ingleza e os nossos soberanos, relações, que se affirma, serão n'um futuro proximo mais apertadas com o enlace de Sua Alteza o Principe Luiz Filipe com a Princesa Victoria Patricia, filha dos duques de Connaught.

Sua Alteza Real o Duque de Connaught, nasceu em 1 de maio de 1850. O seu nome é Arthur Guilherme Patrick Alberto. 7.º filho da Rainha Victoria e irmão de Sua Magestade Eduardo VII.

Em 13 de março de 1879, casou com a princeza da Prussia, Luiza Margarida, que nasceu em em 25 de julho de 1860, de quem tem os seguintes filhos:

A princeza Margarida Victoria Carlota Augusta Norah, que nasceu em Borgshot Park, em 15 de janeiro de 1882.

O Principe Arthur Frederico Patrick Alberto, que nasceu no castello de Windsor, em 13 de janeiro de 1884.

A Princeza Victoria Patricia Helena Izabel, nascida em 17 de maio de 1886, no Paço de Buckingham, em Londres.

A recepção feita a Suas Altezas não podia ser mais festiva nem mais affavel, e a população de Lisboa no intimo reconhecimento da forma como o povo inglez recebeu o Rei e a Rainha de Portugal, retribuiu com provas de elevada estima essa divida de cortezia, que mais estreitou a amizade entre os dois povos.

Os duques partindo de Portsmouth em direcção ao Egypto no dia 3 de janeiro a bordo do cruzador de Sua Magestade Britannica o *Essex*, chegaram a Lisboa no dia 7, desembarcando no Arsenal de Marinha, onde eram aguardados por Sua Magestade El-Rei, Infante D. Affonso, ministros e numerosa assistencia composta dos elementos militar e civil, casa de El-Rei, ministro inglez, pessoal da legação ingleza, ministro da Hollanda, etc.

Os duques e suas filhas seguiram para o palacio de Belem, sendo ali recebidos por Sua Magestade a Rainha D. Amelia, Principe D. Luiz Filipe e Infante D. Manuel, saindo pouco depois de Suas Magestades se retirarem para o palacio das Necessidades, em visita á Rainha Senhora D. Maria Pia, ao palacio da Ajuda.

No dia da chegada realisou-se o jantar no Paço das Necessidades, jantar de character intimo, indo n'essa noite os duques acompanhados de Suas Magestades ao espectáculo a S. Carlos, em que se representou o *Rei de Lahore*.

No dia 8 os duques e as princezas Margarida e Victoria assistiram á missa na capella de S. Jorge no cemiterio dos inglezes, onde receberam os cumprimentos da colonia ingleza.

Terminados os officios divinos voltaram ao paço de Belem, saindo d'ali para o das Necessidades findo o almoço e depois de os duques de Connaught receberem os cumprimentos do ministerio e a visita de Sua Magestade a Rainha D. Maria Pia e do sr. Infante D. Affonso.

No paço das Necessidades eram aguardados por Suas Magestades, seguindo pouco depois em quatro carruagens á Dumont, El-Rei, a Rainha, os duques e as princezas em passeio pela Avenida, d'onde regressaram ás 5 horas da tarde.

A's 8 e meia começou o banquete no palacio d'Ajuda, dado na sala do throno, e ao qual se seguiu o concertó que terminou perto das 3 horas da manhã.

No dia 9 os duques e suas filhas acompanhados de El-Rei e da Rainha, foram a Cascaes e á noite assistiram ao espectáculo em D. Maria.

No dia seguinte realisou-se o almoço no palacio de Cintra offerecido aos illustres hospedes por Sua Magestade a Rainha D. Maria Pia, assistindo n'essa noite á audiçãõ do *Lohengrin*, no theatro de S. Carlos.

Em Cintra Suas Magestades e Altezas visitaram a Pena e Monserrate e ali os duques e suas filhas mostraram-se surprehendidos com os lindos pontos de vista que tinham ante seus olhos.

Foi no dia 11 que Sua Alteza o Sr. Duque de Connaught visitou os quarteis de Cabeço de Bola e de S. Jorge e o Museu de Artilharia.

No quartel de Cabeço de Bola, a visita de Sua Alteza começou pela caserna do primeiro pavimento, passando d'ali ás cozinhas, á arrecadação do armamento e equipamento, ao refeitório das praças e arrecadação dos generos.

O sr. Duque desejou ver manobrar a companhia de infantaria, desejo a que o sr. coronel Malaquias de Lemos promptamente accedeu, tomando o commando da companhia o capitão sr. Fonseca, que mandou formar em linha, executando o manejo de armas.

Sua Alteza admirou a precisão como foram feitos os exercicios, demorando-se n'um detido exame a uma espingarda Kropatscheck.

Voltando a recommençar a sua visita, entrou no refeitório das praças de cavallaria, passando á cavallariça do 4.º esquadrão, assistindo a diferentes evoluções da cavallaria municipal e exercicios de espada, elogiando o sr. Duque a presteza das praças e a precisão dos movimentos.

Seguiu-se a visita ás cavallariças do 2.º esquadrão, sendo n'essa occasião mandado apparellhar um pelotão de grande uniforme.

Com isto terminou a visita de Sua Alteza que se dirigiu para o Castello de S. Jorge.

Ali o sr. Duque acompanhado de toda a officialidade, foi ao parapeito da muralha, onde estava içada a bandeira nacional, demorando-se algum tempo admirando o bello panorama que d'ali se desenrola.

A primeira dependencia que Sua Alteza visitou foi o parque dos sapadores, seguindo depois para a bibliotheca, 4.ª companhia, sala d'armas, sala de bilhar, gabinete do sr. commandante, onde por este senhor lhe foram apresentados todos os officiaes do regimento a quem Sua Alteza apertou effusivamente a mão, inscrevendo o seu nome no livro dos visitantes.

Ao retirar-se visitou as casernas da 5.ª e 1.ª companhia, a cozinha, o refeitório dos sargentos, saindo d'ali admiravelmente impressionado.

No Museu de Artilharia o sr. Duque fez tambem uma minuciosa visita, admirando a disposição das salas e os objectos historicos que as ornamentam.

Dirigindo-se para o paço das Necessidades, realisou-se ali o almoço, tocando durante a refeição a troupe dos bandolinistas, composta de empregados da Casa Real.

Findo o almoço visitaram Suas Magestades e Altezas a igreja de S. Roque, onde depois de examinarem a capella de S. João Baptista, se dirigiram para o museu das alfaias da capella, cuja inauguração se realisou n'este momento, com a assistencia de Suas Magestades.

A festa na legação ingleza foi tambem uma das mais brilhantes homenagens prestadas aos srs. Duques de Connaught durante a sua estada em Lisboa. Ali se realisou o jantar a que assistiram Suas Magestades e Altezas, Rainha Senhora D. Maria Pia e Infante D. Alfonso.

A partida dos Senhores Duques de Connaught realisou-se no dia 12, sendo servido a bordo do *Essex*, o almoço a que assistiram Suas Magestades, Principe Real, Infante D. Manuel, Sir Martin Gosselin, ministro de Inglaterra, conselheiros Eduardo Villaca e Moreira Junior, commandante do *Essex*, lady Gosselin e officiaes de serviço de Suas Magestades e Altezas.

Terminado o almoço começaram as despedidas, embarcando Suas Magestades, Principe, e Infante D. Manuel na saveira real, que os conduziu a terra.

Meia hora depois do desembarque da familia real, o *Essex* levantou ferro salvando á sua passagem todos os navios da divisãõ naval.

O *Essex* é um dos melhores cruzadores da marinha britannica, desloca 9800 toneladas, tendo 141 metros de comprimento, 20 de bocca e 8

de pontel; com machinas de força de 20.000 cavallos, que lhe imprimem a velocidade de 23 milhas por hora.

Tem 14 canhões de 6 pollegadas, tiro rapido; 10 canhões de 12 libras; 3 de quarenta e sete milímetros; 8 metralhadoras e 2 tubos lança torpedeiros.

As baterias são protegidas por uma chapa de aço de 102 milímetros de espessura.

A sua construcção é de 1903. Tem 2 helices e os paioes comportam 1600 toneladas de carvão normaes.

A sua guarnição é de 600 homens.

## A PUNIÇÃO DE EVA

(De A. Conan Doyle)

Roberto Johnson era um homem essencialmente vulgar, sem traço algum que o distinguisse entre um milhão de outros homens. Rosto pallido, olhos inexpressivos, opiniões neutras, trinta annos de idade, e casado. Tinha uma loja de artigos para homens em New North Road, e a ancia da concorrência mercantil ainda expelia d'elle o pouco de caracter que lhe restava. Na esperança de grangear freguezia, tinha-se tornado maleavel e servil, até que aquelle trabalho rotineiro de todos os dias o tinha reduzido de um homem a uma machina sem alma.

Nunca o excitára uma importante questão. Em fins d'este seculo utilitario, elle restringira-se dentro de um estreito circulo, e parecia impossivel que alguma vez o podesse alcançar qualquer das primitivas e poderosas paixões da humanidade. No entretanto o nascimento, o amor sexual, a doença, a morte, são cousas immutaveis, e quando um d'estes implacaveis factos surde em frente de um homem a uma volta repentina do caminho da vida, arranca-lhe n'um momento a mascara da civilisação e expõe n'um vislumbre a extranha e forte physionomia que está debaixo d'elle.

A mulher de Johnson era uma creaturinha serena, de cabello escuro e genio doce. O affecto por ella era o unico traço positivo do caracter d'elle. Todas as segundas feiras de manhã, ambos de concerto preparavam a montra; por baixo as camisas immaculadas nas suas caixas de papelão verde, em cima as gravatas penduradas nos varões de latão, os botões de pechisbeque luzindo de cada lado sobre os cartões brancos, ao passo que ao fundo ficavam columnas de bonets de panno e montes de caixas em que se resguardavam do sol os chapéus mais finos. Ella fazia a escripturação e expedia as contas aos freguezes. Só ella é que sabia as alegrias e os prazeres que serpeavam na vida mesquinha do marido. Tinha compartilhado do seu jubilo quando o sujeito que ia para a India comprára dez duzias de camisas e uma porção espantosa de collarinhos, e ficára tão abysmada como elle quando, expedida a encomenda, a conta fóra devolvida do hotel para onde o comprador a mandara endereçar, com a noticia de que tal pessoa nunca ali se hospedara. Durante cinco annos tinham ambos trabalhado, tinham-se empenhado em consolidar o seu negocio, tanto mais aconchegados um do outro quando o seu casamento fóra até então esteril. Agora porém, havia symptomas de mudança proxima, e muito proxima. Ella já não podia descer á loja, e sua mãe, mrs. Peyton, viera de Camberwell para cuidar d'ella e para receber o neto nos braços.

A' proporção que se avisinhava a crise, sentia Johnson uns ligeiros accessos de anciedade. Mas afinal de contas, aquillo era um processo natural. As mulheres dos outros passavam por isso a salvo, porque não succedia o mesmo á sua? Na sua familia havia quatorze irmãos, e no emtanto sua mãe estava ainda viva e vigorosa. Afinal de contas, era uma excepção correr mal um caso d'esses. E comtudo, apezar dos seus raciocinios, a lembrança do estado de sua mulher formava um fundo sombrio aos seus outros pensamentos.

Com cinco mezes de antecedencia, contractou-se para a occasião o doutor Miles, de Bridport Place, e com o andar do tempo começaram a chegar á loja, entre as grandes encomendas de artigos para homem, pacotes e pacotes de roupas brancas, absurdamente minusculas, cheias de rendas e fitas. Até que uma tarde, na occasião em que Johnson estava na loja entretido a pregar etiquetas nas mantas de pescoco, ouviu um

borborinho lá em cima, e appareceu-lhe a sogra que galgara a escada para lhe dizer que Lucia se sentia mal e que lhe parecia prudente a presença immediata do medico.

Roberto Johnson não era homem de pressas. Era circumspecto, e pachorronto, e gostava de fazer as cousas com methodo. Da esquina de New North Road, onde ficava a sua loja, até á morada do doutor Miles, em Bridport Place, distava cousa de um quarto de legua. Como não havia carruagens por ali, poz-se a caminho a pé, deixando o caixeiro a tomar conta na loja. Em Bridport Place disseram-lhe que o doutor acabara de partir para Herman Street, afim de acudir a uma apoplexia. Johnson dirigiu-se logo para Herman Street, e ia perdendo um pouco da sua pachorra á medida que lhe crescia a anciedade. Pelo caminho encontrou duas carruagens, mas ambas com gente. Em Herman Street informaram-no de que o doutor fora tratar de um caso de sarampo, mas por fortuna deixara o endereço — Dunstan Road, 69, na outra margem do Canal do Regente. Desvanecera-se de todo a pachorra de Johnson, ao pensar nas mulheres que estavam á espera d'elle em casa. Desatou a correr com quanta pressa poudé por Kingsland Road fóra. Saltou para um *cab* que estava parado junto da curva do caminho e chegou afinal a Dunstan Road. O doutor sahira n'aquelle instante, e Roberto Johnson teve tentações de se sentar nos degraus, vencido pelo desespero.

Por felicidade não despedira o *cab*, e não tardou nada que se achasse de novo em Bridport Place. O doutor Miles ainda não voltara, mas não se podia demorar. Johnson esperou rufando com os dedos em cima dos joelhos, n'um gabinete de tectos altos, mal illuminado, onde o ar estava carregado de um cheiro surdo e doentio de ether. A mobilia era pesada, sombrios os livros nas estantes, e sobre a chaminé retinia melancholicamente um relógio preto e atarracado. Noticiou-lhe que eram sete e meia, e que ha uma hora e um quarto que elle andava por fóra. Que pensariam d'elle as mulheres! Todas as vezes que ao longe batia uma porta, elle pulava da cadeira n'um tremor de alvoroço. Apurou o ouvido para apanhar as notas profundas da voz do medico. Até que de repente, n'um sobresalto de jubilo, ouviu fóra uns passos rapidos e o aspero rangido de uma chave na fechadura. N'um instante se achou no vestibulo, antes que o doutor tivesse tempo de pôr os pés na soleira da porta.

— Perdão, doutor! bradou elle. Venho á sua procura. Minha mulher teve os primeiros rebates eram seis horas.

Elle mal sabia o que esperava que o doutor fizesse. Com certeza que ia proceder com a maior energia — lançar mão de alguns remedios, talvez, e deitar a correr desabaladamente com elles pelas ruas brilhantes de gaz. Em vez de fazer isto, o doutor Miles atirou com o guarda-chuva para o cabide, desembaraçou-se do chapéu com um gesto um tanto impaciente, e empurrou Johnson para dentro do gabinete.

— Espere ahi! O senhor fez ajuste comigo, não é assim? perguntou elle com uma expressão que não era em demasia cordial.

— Sim, sim, doutor. Em novembro. Lembra-se? Johnson, artigos para cavalheiros, em New North Road.

— Bem sei, sim. Já me ia tardando, disse o doutor, relanceando os olhos para uma lista de nomes n'um livrinho de capa luzidia. Então, como está ella?

— Eu não sei...

— Ah! sim! está claro! é o primeiro. Para a outra vez terá mais experiencia.

— Disse minha sogra que eram horas de lá estar o doutor.

— Meu caro senhor, n'um primeiro parto não pôde haver grandes pressas. Calculo que vamos ter tarefa para toda a noite. Ora não ha machina que trabalhe sem carvão, senhor Johnson, e eu estou aqui com um lanchinho de cacaracá.

— Podiamos arranjar-lhe uma refeição; qual-quer cousa quente com uma gota de chá.

— Muito obrigado, mas calculo que o meu jantar deve estar na meza. Eu não lhe posso servir de nada durante o primeiro periodo. Vá para casa e diga lá que eu não tardo e metto logo em seguida mãos á obra.

Uma espécie de horror se infiltrou em Roberto Johnson ao encarar este homem que podia pensar em jantar n'um momento d'estes. Elle não tinha imaginação bastante para comprehender que aquelle successo, tão pavorosamente importante para elle, não era mais do que um caso banal e quotidiano para o medico, e que este não poderia ter vivido um anno sequer se, no calor da fajna, não se lembrasse do que devia á pro-

# A Visita dos Duques de Connaught



D. Isabel Ponte S. M. Rainha D. Amelia S. A. Infante D. Manuel Princesa Margarida S. M. El-rei D. Carlos  
 Tenente Welch — Duque de Connaught — Capitão Farquhar — Sir Martin Gosselin — Duquesa de Connaught — Lady Gosselin — Princesa Victoria  
 S. A. o Príncipe Luiz Filipe — Conselheiro Villaça — Conde de Tarouca — Miss Pelly — Dr. Moreira, ministro da marinha  
 Francisco Figueira — Vellez Caldeira

## A BORDO DO «ESSEX»

pria saúde. Para Johnson elle pouco melhor parecia do que um monstro. E tinha pensamentos amargos ao pôr-se a caminho de casa.

— Demorou-se immenso, disse a sogra em ar de censura, do alto da escada, apenas elle entrou.

— Que remedio! arquejou elle. Isso vae passado?

— Qual passado! Coitada! Ainda tem de piorar, antes de ir para melhor. Onde está o doutor Miles?

— Vem ahi, em acabando de jantar.

A velhota ia a responder, quando da porta entreaberta que lhe ficava nas costas, sahio uma voz aguda e lastimosa a chamal-a. Correu para o quarto e fechou a porta sobre si, enquanto Johnson, com o coração confrangido, entrou na loja. Mandou logo embora o caixeiro e occupou-se phreneticamente na faina de correr as portas e arrumar as caixas. Quando acabou, foi sentar-se no gabinete que ficava atraz da loja. Mas não podia parar quieto. Estava constantemente a levantar-se para dar alguns passos e tornar a cahir na cadeira. De repente chegou-lhe aos ouvidos um tinir de louça, e viu a creada passar por defronte da porta com uma bandeja, onde estava uma chavena e um bule fumegante.



O DUQUE DE CONNAUGHT VISITANDO O CASTELLO DE S. JORGE



O DUQUE DE CONNAUGHT NO QUARTEL DO CABEÇO DE BOLLA  
 (Instantaneos do sr. Benoliel)

— Para quem é isso, Joanna? perguntou elle.

— E' para a senhora. Deu-lhe este apetite. Trouxe-lhe extraordinario conforto aquella trivial chavena de chá.

No fim de contas, o caso não corria tão mal como isso, visto que sua mulher podia pensar n'essas insignificancias. Tão alliviado ficou que pediu tambem uma chavena para si. Mal a acabava, chegou o doutor, com um saquinho de couro na mão.

— Então como vae ella? perguntou elle com ar satisfeito.

— Muiissimo melhor, redarguiu Johnson com enthusiasmo.

— O' diacho! isso é que não calha nada! disse o doutor. Talvez que seja então preferivel eu voltar cá no meu gyro da manhã.

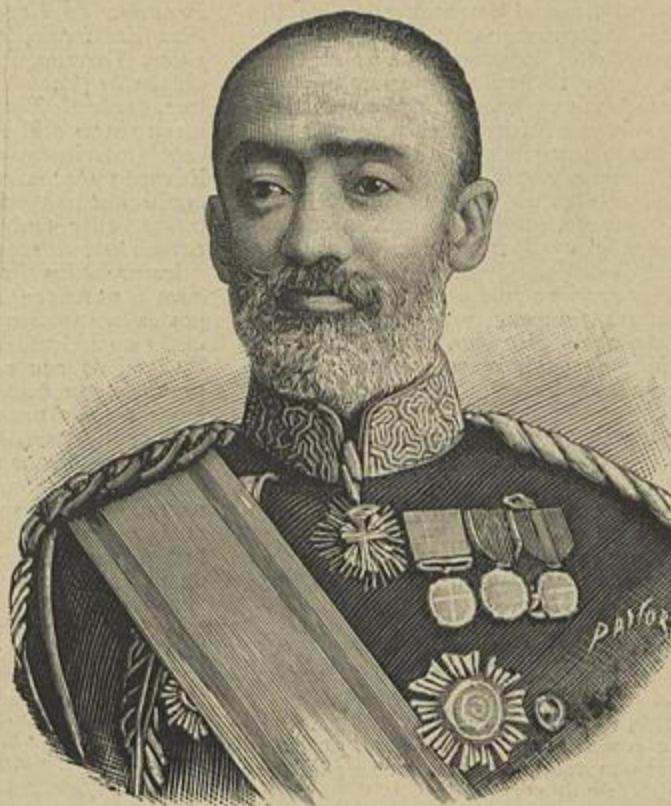
— Isso não, bradou Johnson, agarrando-se ao grosso sobretudo de ratina. Estamos tão satisfeitos de o vêr aqui. Suba, doutor, e peço-lhe o favor de voltar d'aqui a nada, para me dizer o que pensa.

Os passos firmes e pesados do doutor

## A guerra entre a Russia e o Japão



GENERAL RUSSO STOESEL



GENERAL JAPONÊZ NOGI

echoaram pela casa. Johnson ouvia as botas d'elle a rangerem no pavimento superior, e aquelles sons eram para ellé uma consolação. Eram passadas seguras e decididas, de um homem cheio de confiança em si proprio. Como apurasse sempre o ouvido para perceber o que se passava lá por cima, ouviu um arrastar de cadeira, e logo depois a porta escancarar-se e alguém que descia precipitadamente. Johnson levantou-se sobresaltado, com os cabellos em pé, pensando que occorrera alguma cousa terrivel, mas afinal era apenas a sogra, desorientada com o alvoroço, que vinha em cata de uma tesoura e de umas ligaduras. Sumiu-se logo, e Joanna subiu depois com uma pilha de roupa lavada. Passado um intervallo de silencio, Johnson ouviu o andar pesado e crepitante, e o doutor appareceu no gabinete.

— Isto vae correndo melhor, disse estacando, com a mão na porta. O sr. Johnson está a modo pallido!

— Qual! não estou, não, senhor, replicou elle com ar humilde, enxugando a testa com o lenço.

— Não ha motivo immediato para susto, voltou o doutor Miles. O caso não é tão simples como nós desejaríamos. No emtanto ha esperanças de que tudo correrá o melhor possivel.

— Ha algum perigo, doutor? balbuciou Johnson.

— Eu lhe digo, perigo, é claro que sempre ha. Não é um caso completamente favoravel, mas ainda podia ser muito peor. Eu dei-lhe um calmante. Ainda agora, vi de passagem que estavam a levantar um edificio aqui mesmo em frente. Este bairro vae em progresso. As rendas sobem, sobem por ahi acima. O senhor tem a sua lojita arrendada a longo praso, hein?

— Tenho, sim, senhor! exclamou Johnson, cujos ouvidos se aguçavam para cada som que de cima partia, e que ao mesmo tempo sentia um certo allivio ao vêr que o doutor cavaqueava tão despreoccupadamente n'um momento

d'estes. Quer dizer, não tenho o meu arrendamento é ao anno.

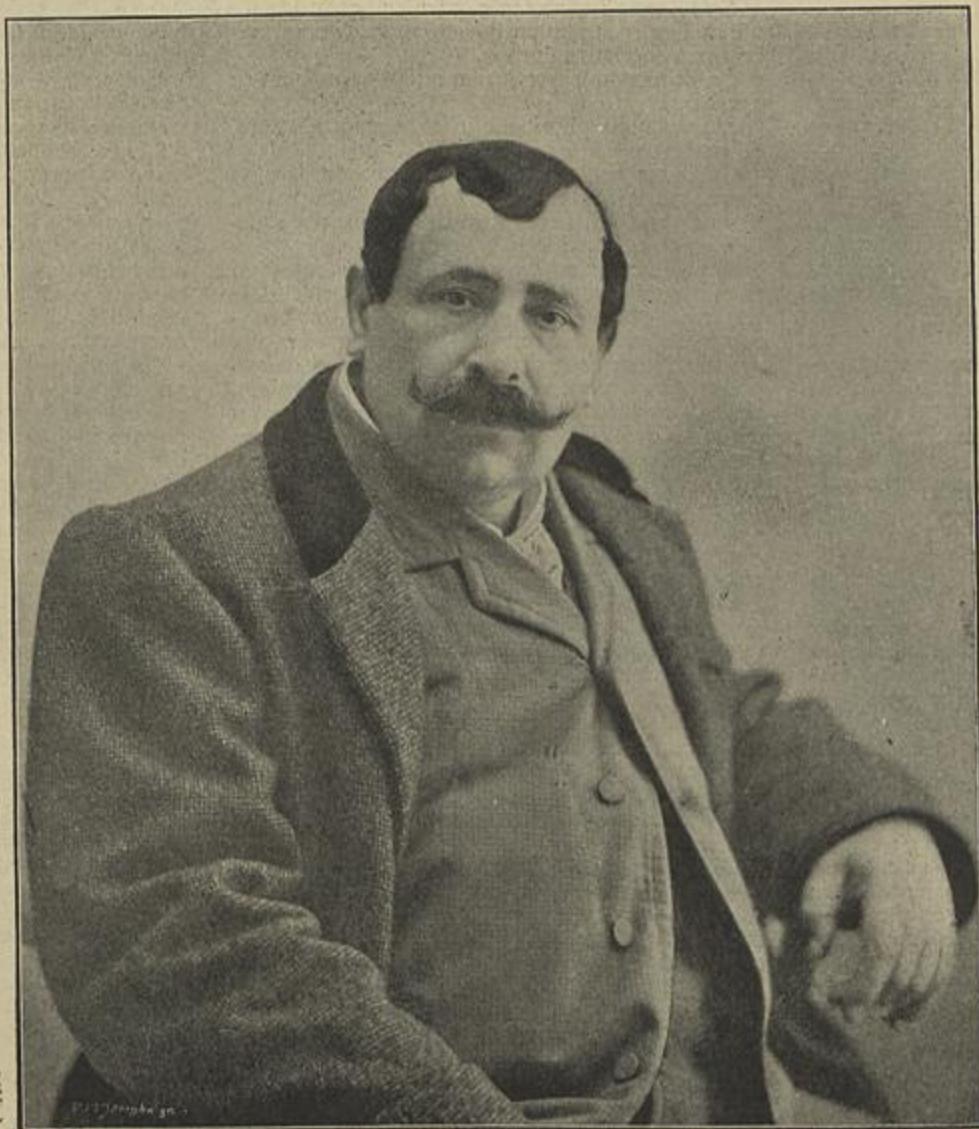
— Pois eu cá, se estivesse no seu caso, arrendava a praso. Olhe o Marshall, o relojoeiro alli debaixo. Fui eu que já por duas vezes acudi á mulher, e salvei-o de uma febre typhoide, quando andaram ahi a mecher nos canos. Asseguro-lhe que o senhorio levantou-lhe a renda, logo de uma assentada, perto de quarenta libras por anno, e elle não teve remedio senão pagar ou pôr-se na rua.

— E a mulher foi feliz, doutor?

— Foi, foi muito feliz. Olé! temos novidade!

Inclinou o ouvido para o lado do tecto com aspecto interrogativo, e depois esgueirou-se a toda a pressa.

(Continúa).



EDUARDO MACHADO

(Photographia do sr. Arnaldo da Fonseca)

## A GUERRA ENTRE A RUSSIA E O JAPÃO

A tomada de Porto Arthur

Com a rendição dos fortes de San-Lung-Chan e Lung-Chu-Chan, os japonezes compelleram o general Stoessel a capitular.

Não faltavam munições ao valente general russo, nem material de guerra, mas o que não tinha era gente. De vinte mil soldados, quinze mil estavam enfermos ou feridos e com os restantes era-lhe impossivel sustentar a defeza da praça de que a maioria dos fortes estava já em poder dos japonezes.

Arvorou pois a bandeira branca e propoz a Nogi, o valente caudilho japonês, as negociações para a capitulação.

No dia 2 de janeiro os officiaes dos estados maiores russo e japonês, reu-

nem-se para discutirem as condições da capitulação que foram accetadas.

O Mikado telegraphou a Nogi fazendo o elogio do general Stossel, determinando que lhe fossem feitas todas as honras militares, bem como aos seus chefes do estado maior e officiaes.

A queda de Porto Arthur constitue uma das maiores victorias dos japonezes, não só pela bravura que mosfraram situantes e sitiados, mas porque era opinião geral e até de alguns generaes russos, no numero dos quaes se conta Kuro-patkiné, que esta praça era inexpugnável e intractiferas todas as tentativas de assédio.

Nos ultimos dias a lucta foi sem treguas nem quartel.

Os russos reduzidos pela doença, mal alimentados, luctavam com encarnicamento, sem um unico momento de descanso. Chegavam a ter satisfação intima quando recebiam qualquer ferimento, porque só assim lhes era permitido repousar.

Quem visitasse agora Porto Arthur confranger-se-hia ao vêr as obras de defeza completamente destruidas, os fortes desmantelados assentando n'um terreno que parece ter sido removido por uma erupção vulcanica.

Nas casas-matas encontram-se fragmentos de cadaveres e nos fossos montões de carne humana putrefacta.

STOSSEL

O nome d'este general russo perpetuará uma das maiores glorias militares dos nossos dias.

Os esforços de heroicidade que elle praticou para poder sustentar Porto Arthur no poder da Russia, attingem todos os extremos de dedicação, de lealdade e de sacrificio.

Rendeu-se no ultimo extremo, quando viu que a sua teimosia nenhum proveito já podia dar á causa da sua patria, tendo de arcar com a responsabilidade moral das vidas que estava sacrificando sem esperanza de victoria.

Rendeu-se quando toda a resistencia era impossivel, pois era elle o unico que ainda queria a continuação da resistencia quando já a opinião da officialidade era fazer uma capitulação que não fôsse humilhante nem para a Russia, nem para o exercito.

NOGI

Este notavel general japonês já se havia distinguido na campanha contra a China em 1894 a 1895.

Recebeu educação militar na Allemanha, tendo-lhe sido destinado o commando de um dos exercitos destinados a invadir a Mandchuria, logo que se deu o rompimento das hostilidades entre a Russia e o Japão.

Tendo tomado parte com o general Kinoki no ataque ás linhas de Kincheu, outra importante acção ganha pelos japonezes, foi Nogi encarregado de dirigir o assédio de Porto Arthur, missão que soube levar a cabo com tanto valor e pericia militar.

Entretanto nem tudo foram louros para o general japonês. No ataque da praça morreram-lhe dois filhos, já officiaes do exercito, e essa dor que lhe foi tão cruamente empallidecer os jubilos da sua gloria, acabrunharam-no subitamente e envelheceram-no, não parecendo o mesmo activo e energico official do começo d'esta campanha.

## EDUARDO MACHADO

O novo trabalho sahido da concepção artistica do nosso notavel scenographo Eduardo Machado — *O Mareorama* —, exhibido pela primeira vez no theatro Avenida, no dia 6 de dezembro, faria por si só a reputação do seu auctor, se ella não estivesse já de ha muito firmada por outras notaveis revelações.

O *Mareorama* é uma tella de 200 metros, que durante tres quartos de hora entretem o espectador renovando-lhe a historia dos nossos feitos na India, desde a sahida do arrojado descobridor nas gloriosas naus de D. Manuel, da praia do Restello, até á sua chegada aos areas do Ganges.

O trabalho era empresa para um mestre e d'ella se sahio Eduardo Machado como mestre que effectivamente é.

O seu novo triumpho com o *Mareorama* vae juntar-se a tantos outros já alcançados durante a brilhante carreira de Eduardo Machado.

Discipulo de Rambois e Cinatti, com quem acabou a educação artistica, os seus trabalhos, onde quer que appareçam são uma recommendação para as peças onde elles são exhibidos.

Podemos citar *João Thommeray, Caridade, Grão Mogol, Volta do Mundo, Sal e Pimenta, Noiva dos girasoles, Sargento-mór de Villar, Bandeira do Regimento, Espelho da Verdade, Fim de Seculo, Reino dos homens, Lisboa no palco, Taverna, Tutti-li-Mundi*, emfim uma infinidade de peças dessiminadas por todos os theatros, desde D. Maria ao theatro do Rato, em que o seu pincel scintillante tem collaborado sempre com proveito dos trabalhos dramaticos, quer Eduardo Machado tenha de recorrer aos seus conhecimentos profundos das epochas mais remotas, quer tenha de dar uma feição local de actualidade ao scenario que o incumbem de fazer. Irreprehensivel sempre nas suas telas, não descure a execução d'ellas, quer tenham de ser expostas ao publico de D. Maria, quer n'um palco de 3.<sup>a</sup> ou 4.<sup>a</sup> ordem.

Cioso da sua reputação de artista, mas sem preocupações nem preconceitos, tem firmado em bases solidas a sua carreira e nenhum ainda até hoje se lhe avantajou no segredo que elle tem de se manifestar nos trabalhos de que o incumbem.

E' que, assim como na litteratura os genios se revelam nas chispas que resaltam expontaneas do bico da pena, assim do lapis ou do pincel sahem essas concepções que nos extasiam e nos denunciam o artista na grande e completa acção da palavra.

Até as tintas de Machado tem reverberos e brilhantismo que outras não apresentam. E' que esse é outro segredo d'elle devido ao estudo e á observação em que foi achar effeitos, desde a composição das tintas até á distribuição da luz.

## A natureza e seus phenomenos

### PHYSICA

#### PARTE II

### ACUSTICA

#### I—PRODUCCÃO E PROPAGAÇÃO DO SOM

(Continuado do n.º 933)

*Som* é uma impressão particular produzida no nosso orgão auricular, devida ao movimento vibratorio de alguns corpos.

Os corpos que produzem *som*, denominam-se *sonoros*.

A parte da *physica* que se occupa do *som*, dá-se o nome de *acustica*.

Qualquer ruido é um *som*. O rodar de uma carruagem n'uma rua, o ribombar de um trovão, a queda da agua, etc., são *sons* que se transmitem ao nosso ouvido pela acção do ar.

A produção do *som* necessita, portanto, um phenomeno exterior e uma materia sensivel destinada a transmittir essa impressão — o phenomeno exterior é o corpo sonoro em vibração. Apenas deixe de existir uma das causas da sua produção, o *som* *cessa*. Deixa por conseguinte, de haver *som*, desde que o corpo não vibre, ou desde que não haja entre esse corpo, e o nosso ouvido, um meio material que o propague.

São, pois, condições essenciaes para a existencia do *som*:

- 1.<sup>o</sup>) Um corpo vibrante.
- 2.<sup>o</sup>) Um meio elastico entre este, e o nosso ouvido.

Um dos meios mais vulgares para a produção do *som*, é o *choque* de dois corpos. O badalo que faz tocar os sinos, as baquetas do tambor, etc., são exemplos d'este caso.

O *atrito* é, igualmente, uma forma de produção de *som*. E assim que com o auxilio de um arco, cujas crinas sejam untadas de resina, fazemos resoar as cordas de uma rabeca, ou de varas metallicas. E' tambem devido ao *atrito*, que o rodar de uma carruagem sobre a calçada, produz *som*.

Os solidos e os liquidos, em contacto, tambem dão origem a *sons*. A chuva cahindo com força sobre o solo, produz um ruido, por todos bem conhecido, assim como a agua cahindo n'um tanque, etc.

Nos gazes, tambem ha produção de *sons*. Temos, por exemplo, o sopro do vento, ás vezes violento, que produz um *som* fortissimo e que se denomina o *sibilar* do vento, o ruido do vento nas chaminés, a sahida do vapor das locomotivas, ou da chaleira da agua, etc.

A voz humana, gritos dos animaes, detonação dos gazes, chiar de uma nora, são igualmente, *sons*, todos differentes e variados que a natureza nos apresenta.

Os corpos susceptiveis de emitir *sons*, são os corpos *elásticos*. Os metaes, o vidro, as madeiras fibrosas são, d'entre os solidos, os melhores conductores do *som*, dependendo a sua sonoridade, até certo ponto, das dimensões e forma do objecto sonoro. Um pedaço de aço de forma cubica, sendo vibrado, por uma pancada de martello, produz um *som* baço; se o suspendermos por um fio, e lhe applicarmos a pancada, um pouco distante do ponto de suspensão, o *som* que se obtem, será mais forte. O mesmo pedaço de aço transformado em haste cylindrica um pouco comprida, dará *sons* mais intensos. D'aqui o concluir-se que a *sonoridade* está na razão directa da elasticidade do corpo.

Os liquidos e gazes são, como já dissemos, igualmente susceptiveis de transmittir *sons*, mas estes ultimos são, sobretudo, transmissores dos *sons* emanados pelos solidos.

Os corpos não elasticos ou pouco elasticos são incapazes de produzir *som*, e, quando o produzem, resoam mal. E' o que succede com a ceva, ou a cré humida. São, portanto, maus conductores do *som*.

As materias pulverisadas, a lã, as pennas, o algodão, etc., são pouco sonoros. Para amortecer o *som*, costuma-se encher com serradura de madeira, de aparas, de calça, etc., os intervallos e forros dos tectos e dos soalhos, porque estes corpos são, igualmente, pouco sonoros. As armações de estofo, tapetes, cortinados, etc., tornam um quarto pouco sonoro.

D'aqui, concluímos que os corpos *sonoros* são corpos *elásticos*.

— O *som* espalha-se rapidamente pelo ar, bom conductor do *som*.

No emtanto, a velocidade d'este, não é tão rapida que ouçamos immediatamente o *som* de uma pancada de martello sobre a bigorna, dada a uma certa distancia. Primeiramente, produz-se o choque dos dois corpos; em seguida, ouve-se o *som*. Pelo mesmo motivo, a detonação de uma espingarda, de uma peça de artilharia, etc., só chega aos nossos ouvidos, pouco depois de termos visto a chamma produzida pela explosão da detonação. D'aqui vemos que a velocidade da luz é superior á do *som*.

Quanto maior fôr a distancia, maior será o intervallo entre o momento que ouvimos o *som*, e aquelle em que este se produz.

A transmissão do *som*, no espaço, é devida, como dissemos, ao ar, corpo muito elastico.

Collocando sob o recipiente de uma machina pneumatica, uma campainha á qual se tem, previamente, dado corda, o *som* distingue-se perfeitamente, enquanto existir ar no recipiente. A maneira, porém, que se faz o vacuo, o *som* vae-se atabafoando cada vez mais, a ponto de se extinguir, embora se reconheça que a campainha continúa funcionando, visto que o martello continúa batendo sobre a campainha. D'aqui, concluímos que o *som* não se propaga no vacuo. Se em vez do ar, introduzirmos, no recipiente, qualquer corpo grosso, o *som* ouve-se de novo.

Os solidos propagam igualmente o *som*. Applicando o ouvido contra o solo, distingue-se o movimento de tropas a grande distancia.

Os liquidos são, igualmente, vehiculos do *som*. Um mergulhador, debaixo d'agua, ouve qualquer ruido, á superficie das aguas.

O meio intermedio mais habitual para a propagação do *som*, é, no emtanto, a atmospha. Segundo Saussure, um tiro de pistola, no cume do Monte Branco produz tanto ruido como um pequeno estalo da India.

Gay Lussac notou, igualmente, que a 7:000 metros de altitude, os *sons* enfraquecem muitissimo.

A intensidade dos *sons* é, pois, susceptivel de variações.

Chamamos *intensidade*, á qualidade que faz com que elle seja ouvido a maior ou menor distancia.

Chamamos *velocidade*, no *som*, o caminho que elle percorre em um segundo. Esta é variavel consoante a pressão e a humidade do ar, estabelecendo-se como média, a velocidade de 340 metros por segundo. Em virtude d'este facto, facil é medir a distancia entre dois pontos.

Suppunhamos que uma bateria descarrega uma peça de artilharia, e o *som* ouve-se, passado quinze segundos. A distancia a que a bateria se acha, do nosso ouvido, será, pois, de:

$$340 \times 15 = 5:100 \text{ metros}$$

despresando a temperatura do local, visto que a velocidade do *som* decresce com a temperatura.

(Continúa)

Antonio A. O. Machado.

## PÃO NOSSO

OU

Leituras elementares e encyclopedicas para uso do povo

POR

Trindade Coelho—LISBOA 1904

Editado pelos srs. Aillaud & C.<sup>a</sup> publicou o sr. dr. Trindade Coelho, distincto jurisconsulto e um dos mais fecundos escriptores da actualidade, um conjuncto de noções sobre variados ramos, subordinadas ao titulo de *Pão Nosso*, por serem proprias ao alimento do espirito como o pão ao alimento da vida material.

Diz-nos o seu auctor que está resumido nas suas paginas o que actualmente constitue entre nós o ensino primario; mas a essas doutrinas elementares — assim condensadas n'um só volume no intuito de as fixar no patrimonio do lar — ou-



DR. TRINDADE COELHO

tras acrescentou, igualmente elementares, cujo conhecimento é tambem indispensavel na vida corrente.»

E' um livro pratico e um livro util.

Na organisação de um trabalho d'esta ordem em que se encontram tratados com proficiencia todas as sciencias e artes reunidas por forma a servirem de elementos de estudo, é necessario além de uma forma concisa na exposição, um conhecimento profundo das materias a ensinar para adoptar logica e racionalmente o necessario e indispensavel deixando uma idéa exacta de todas ellas. Quanto a nós é esse um dos grandes meritos d'este livro.

O *Pão Nosso* com os tres *Livros de Leitura* que o precederam, escripto para as creanças, constitue o trabalho do sr. dr. Trindade Coelho para o cultivo da razão e da intelligencia do povo, tendo em preparação mais dois volumes, um dos quaes destinado á educação moral e civica e outro de direito usual.

O *Pão Nosso* é um vol. de 500 paginas illustrado com innumerables estampas indispensavel a todos.

Para darmos idéa do que é este trabalho abramos ao acaso na parte que trata da *ARTE=architectura, esculptura e pintura*.

«O homem gosta instinctivamente do que é bello. A Arte gosta de satisfazer aquelle instincto do homem fazendo cousas bellas. A *Architectura*, por exemplo, procura fazer bellas edificios; a *Esculptura*, bellas estatuas; a *Pintura*, bellas quadros.

A *Arte*, nasceu da contemplação da *Natureza*, porque esta é a fonte de todas as bellezas; mas o verdadeiro artista não é o que se limita a copiar a natureza, embora a copie bem: — O verdadeiro artista é o que se inspira na *Natureza*, e a interpreta e revela em harmonia com o seu temperamento pessoal. Por outra: a *Arte* é a *Natu-*

reza vista atravez do homem. E' a verdade humanizada, isto é, aquecido pelo sentimento do artista, e repassada da sua alma.»

Como esta noção expõe as demais expontaneamente sem ambiguidades, com o methodo e a ordem necessarias.

Agradecemos a dedicatória com que o auctor distinguuiu o director artistico do OCCIDENTE».

## A FAIXA SARAPINTADA

POR

Conan Doyle

(Continuado do n.º 937)

Produziram-se rixas deploraveis que por duas vezes o arrastaram á policia correccional; veiu a ser o terror da aldeia e os moradores, assim que o viam, deitavam a fugir, pois é dotado de immensa força physica, e quando está irado não pôde ter mão em si.

A semana passada, pregou com o ferreiro do parapeito da ponte abaixo, dentro, do rio, e só consegui evitar um escandalo publico dando á victima quanto dinheiro pude apurar.

Não tem um unico amigo, á excepção dos ciganos: a esses vagabundos consente-lhes que venham acampar em umas geiras de terra, cobertas de tojo, unica propriedade da familia, e em troca, aceita-lhes a hospitalidade nas barracas que armam, e viaja, até, de sucia com elles semanas e semanas inteiras.

Ainda por cima, nutre paixão por certos bichos indianos que lhe envia um correspondente, e actualmente tem uma panthéra e um bugio; deixa-os andar á solta, e os aldeões teem quasi tanto medo d'elles como do dono.

Por tudo isto pode suppôr que, tanto a minha pobre irmã Julia como eu, não levamos vida muito alegre. Não conseguimos conservar um criado só que seja e, por muito tempo, tivemos que servir-nos a nós mesmo. Minha irmã, quando falleceu tinha apenas trinta annos, e não obstante, os cabellos principiavam a encanecer-lhe, tal qual os meus.

— Com que, então, morreu sua irmã?

— Morreu, ha dois annos, exactamente, e é a respeito da sua morte que eu venho falar-lhe. Deve comprehender

que, levando um viver como o que lhe descrevi, escassas occasiões se offerecessem de tratar com gente da nossa idade e da nossa jerarquia. Tíhamos, porém, uma tia, uma irmã casada de minha mãe, Miss Honoria Westphail, que reside nas proximidades de Harrow, e de tempos a tempos alcançávamos licença para lhe ir fazer uma breve visita. Julia passou com ella as festas do Natal, ha dois annos, e encontrou ali um major da esquadra, reformado com metade do soldo, com quem tratou casamento. Meu padrasto teve noticia do caso, no regresso de minha irmã, e não fez objecção ao consorcio, mas, uns quinze dias antes do dia aprazado para a cerimonia, desenvolveu-se o temeroso drama que veiu privar-me da minha unica companheira.

Sherlock Holmes permanecêra incostado ao espaldar da cadeira, com os olhos cerrados, e a cabeça derreada sobre um coxim: neste instante, porém, descerrou as palpebras e dardejou um olhar sobre a sua cliente.

— Queira expôr-me pormenores da mais rigorosa exactidão, disse.

— Ser-me-á facil, visto como, cada minuto de tão pavorosa noite me ficou estampado na memoria. A residencia é, conforme lhe disse já, muito antiga, e apenas um dos lanços do edificio se acha habitado; os quartos de cama occupam o rez-do chão, as salas o corpo central. O primeiro quarto é o do doutor Roylett, o segundo era o de minha irmã, e o terceiro, é o meu. Não communico entre si, mas abrem todos para o mesmo corredor. Creio que me farei entender?

— Perfeitamente.

— As janellas d'estes três aposentos dão para o terreiro rélvado. N'aquella noite fatal, em que morreu minha irmã, recolhêra cedo o doutor Roylett, mas não se deitou, visto como a Julia se achou de subito incommodada pelo cheiro dos charutos indianos muito fortes que elle costuma

fumar. Minha irmã ausentou-se pois do seu quarto e entrou no meu, onde se demorou um certo tempo, a papaguear acerca do seu casamento. A's onze horas levantou-se para se ir deitar, mas parando á porta disse:

«A proposito, Helena, não tens ouvido um assobio, lá pela noite adiante?

— Nunca, respondi.

— Quer-me parecer que não assobiarias, a dormir, pois não é assim?

— Certamente, mas porque?

— Porque eu, estas noites mais chegadas, ahi pelas três horas da madrugada, tenho sempre ouvido um assobio, muito iraco, mas perceptivel. Tenho o somno muito leve, e accordo. Não posso perceber de que lado vem, se do quarto immediato se do terreiro? E queria saber se o terias ouvido tambem.

— Não. Hão-de ser esses malditos ciganos, lá no pateo.

— E' possivel. E comtudo, se é lá fóra no terreiro, admira-me de que o não tenhas percebido tão bem como eu.

— Pois sim! Mas eu é que não tenho o somno tão leve como o teu.

— E d'ahi, o caso não tem muita importancia, acrescentou, sorrindo. Dito isto, afastou-se e, d'ali a instantes, ouvi-lhe dar volta á chave da porta do seu quarto.

— E tinham, effectivamente, por costume fechar de noite a porta dos seus quartos?

— Sempre.

— E porquê?

— Creio que já lhe disse que o doutor tinha em casa uma panthéra e um bugio; e por consequencia, não nos consideravamos em segurança senão quando as portas estavam fechadas á chave.

— Até ahi percebe-se. Continue, faça-me o favor.

— Não pude dormir, toda a noite. Opprimia-me o vago presentimento de uma desgraça. Eu e minha irmã, se bem se recorda, eramos gemeas, e sabe a que ponto são subtis os laços que unem duas almas tão chegadas uma á outra.

Lá fóra, fazia um tempo medonho. Rajadas de vento e as cordas de agua a fustigar as vidraças. De subito, por entre o estrondo da tempestade, ouvi um grito de desespero de mulher allucinada e reconheci a voz de minha irmã.

(Continua)

M. Macedo.

## NECROLOGIA

VISCONDE DE CORUCHE

O illustre extincto era agronomo diplomado pelo Instituto de Agronomia e prestou na sua carreira importantes serviços á agricultura, deixando publicados muitos trabalhos que lhe deram nome como escriptor e como um dos mais importantes propugnadores dos interesses agricolas do paiz.

Caetano da Silva Luz, visconde de Coruche, nasceu em 23 de Fevereiro de 1842.

Completava no proximo futuro mez 63 annos de idade, tendo desposado em 29 de dezembro de 1860, a sr.<sup>a</sup> D. Maria da Conceição Pereira da Costa, filha do sr. Joaquim Pereira da Costa.

Em 1866 fundou a *Revista Agricola* e foi um dos organisadores da Real Associação de Agricultura, devendo-se á sua poderosa iniciativa o ter-se realisado a exposição portugueza em Philadelphia.

Tambem teve parte importante nos trabalhos do primeiro congresso agricola, defendendo com taes argumentos, por occasião da crise cerealifera, a protecção a este ramo de agricultura, que a elle exclusivamente compete a gloria de ter contribuido para a promulgação da actual lei dos cereaes.

Entrou para a Real Associação Central de Agricultura Portugueza em Março de 1865, servindo ali na qualidade de director-secretario de 1866 a 1871, 1874 e 1876 a 1885; como vogal em 1872, 75, 77 e 78; como thesoureiro em 1879, 1886 e 1891.

Realisou n'esta Associação diferentes conferencias, escolhendo theses do mais palpitante interesse para a agricultura, tratando identicos assumptos na Sociedade das Sciencias Agronomicas de Portugal e na Sociedade de Geographia.

Era orador fluente, sendo a sua palavra escutada sempre com interesse e sendo valiosa a sua opinião pelos vastos conhecimentos que todos lhe reconheciam em assumptos agricolas e pela illustração de que era dotado.

Os trabalhos prestados por Silva Luz na Expo

